# REGISTROS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SOBRADINHO, BA

**Celito Kestering**

## Resumo

O objetivo deste trabalho é o estudo das pinturas rupestres de trinta e um sítios arqueológicos encontrados na parte interna do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, situado na margem direita do Rio São Francisco, região de Sobradinho, norte do Estado da Bahia. A abundância e a diversidade de pinturas rupestres levaram-nos a considerar a possibilidade dessa área arqueológica ter sido uma zona de passagem de diferentes grupos étnicos pré-históricos. Analisando conjuntos de grafismos análogos com grafismos encontrados no entorno da Área Arqueológica de Sobradinho, constatamos a presença de distintos padrões gráficos. Existe dominância de grafismos puros, preliminarmente classificados por alguns pesquisadores como sendo da tradição São Francisco. Este trabalho fornece subsídios preliminares às escavações que deverão ser realizadas para dar continuidade às pesquisas sobre a pré-história da região de Sobradinho e do Vale do Rio São Francisco.

## Abstract

The purpose of this work is the study of the rock pictures of thirty one archaeological sites found in the internal side of the Boqueirão do Riacho São Gonçalo, situated in the right margin of the São Francisco River, in the Sobradinho region, north of the Bahia State. The abundance and the diversity of rock pictures took us to consider the possibility that this archaeological area has been a passage zone of different pre-historical ethnical groups. By analysis of conjuncts of analogs rock pictures with rock pictures found around of the Archaeological Area of Sobradinho, we perceived the presence of distinct graphical models. There is dominance of pure rock pictures, preliminarily classified by anybody searchers like São Francisco tradition. This work gives preliminary subsidies to surveys that will must being achieved to give continuity to the researches about pre-history of the Sobradinho region and São Francisco River valley.

KESTERING, Celito. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho**. CLIO. Série Arqueológica, Recife – PE: UFPE, v. 1, n.15, p. 131-156, 2002.

Para regularizar a vazão do rio São Francisco e gerar energia elétrica, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF construiu, na década de 1970, a Barragem de Sobradinho, inundando uma área de 4214 Km². Foram relocadas 72000 pessoas que habitavam as cidades de Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé e muitos povoados ribeirinhos desses municípios e de Sobradinho que era, então, o canteiro de obras da empresa construtora e o maior povoado do Município de Juazeiro, BA.

Na área inundada e em suas adjacências havia muitos sítios arqueológicos que, por exigências legais, foram pesquisados e cadastrados pela equipe de Valentín Calderón. Foram identificados e registrados, em planta de situação, sítios cerâmicos, de gravuras e de pinturas rupestres. Depois do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, nenhuma pesquisa foi feita nos artefatos coletados e nem na região de Sobradinho.

Embora existam, nas imediações próximas do Lago de Sobradinho, outros conjuntos de sítios arqueológicos com painéis de grafismos rupestres, alguns cadastrados e outros não mencionados pela equipe de Valentin Calderón, optamos por limitar a pesquisa ao Boqueirão do Riacho São Gonçalo, pela facilidade de acesso e pela grande quantidade e diversidade de pinturas.

Nossa pesquisa teve a finalidade de contribuir para a identificação dos grupos humanos que habitaram a região de Sobradinho e pintaram grafismos rupestres nos sítios arqueológicos do Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Teve também a finalidade de procurar referências cronológicas que ajudem a situar no tempo essas realizações gráficas.

Em um primeiro conjunto de grafismos, procuramos identificar analogias temáticas, cenográficas e técnicas com grafismos da tradição **Nordeste**[1]. Procuramos confrontar um segundo conjunto de grafismos que apresentam analogias com registros gráficos encontrados na Zona Agreste e classificados preliminarmente como da tradição **Agreste**[2]. Procuramos confrontar um terceiro conjunto de grafismos que apresentam analogias temáticas, técnicas ou cenográficas com registros gráficos encontrados no Município de Januária, MG, e na região de Central, BA, situados no Médio São Francisco e classificados por alguns pesquisadores como pertencentes à tradição **São Francisco**[3].

Pensamos poder sustentar a hipótese de que Sobradinho possa ter sido, na pré-história, região de passagem de grupos étnicos ligados a troncos culturais diversificados, e

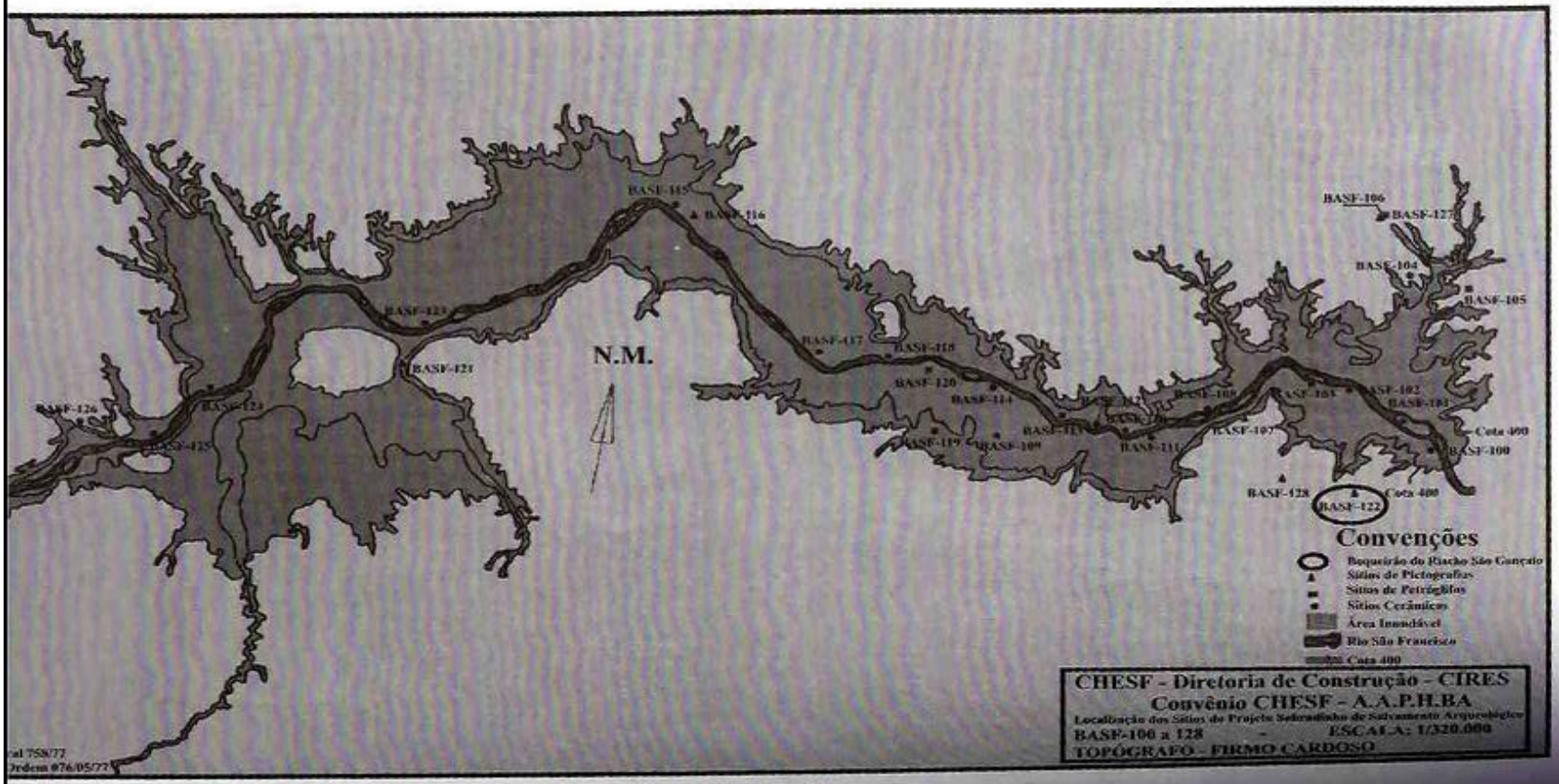
não de ocupação permanente de grupos de uma única tradição cultural. Essa possibilidade fundamenta-se na considerável diversidade das pinturas realizadas e suscetíveis de fazer parte de algumas das tradições do entorno da região de Sobradinho. Inclinamo-nos a pensar que, dada a grande quantidade e diversidade de grafismos, existem, nos painéis gráficos dos sítios arqueológicos do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, traços que comprovem pelo menos três padrões gráficos. Um padrão que corresponde ao que foi achado no Médio São Francisco, um segundo padrão que corresponde à tradição **Nordeste** e um terceiro padrão que corresponde aos grafismos encontrados na Zona Agreste.

A fim de contribuir para a identificação dos grupos étnicos responsáveis pela sua realização, analisamos os grafismos rupestres como fontes de dados antropológicos. Nas manifestações culturais, os grupos humanos revelam algumas particularidades próprias e outras que provam origens culturais comuns. Para situar os grafismos na dimensão temporal, estudamos a sua relação com a altiplanimetria, com a feição geomorfológica, com os sedimentos, com os recursos hídricos, com o clima atual e com as cicatrizes que foram deixadas nas rochas do Boqueirão quando era maior o volume do riacho São Gonçalo sob influência do clima pretérito regional que era tropical úmido.

## Histórico da pesquisa arqueológica na região de Sobradinho

O relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico forneceu as primeiras notícias a respeito dos sítios arqueológicos e dos registros rupestres da região de Sobradinho. Apesar do tempo reduzido de que dispunha para a pesquisa, a equipe de Valentin Calderón realizou prospecções que resultaram no salvamento de, aproximadamente, uma tonelada de material arqueológico. Esse material encontra-se no laboratório do Museu de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia, em Salvador. Referindo-se às pinturas rupestres, a equipe de Valentin Calderón chamou-as de arte parietal e as dividiu em pictografias[4] e petróglifos[5] (Figura 01).

Analisando com cuidado o Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico realizado pela equipe de Valentin Calderón, deduz-se que, durante o período da pré-história, havia três diferentes zonas de ocupação do espaço físico na região de Sobradinho: zona de ocupação brejeira, zona de ocupação ribeirinha e zona de grafismos rupestres.




ura 01 - Sítios arqueológicos cadastrados pela equipe de Calderón.

Fonte - Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico - CHESF - 1977.

São de ocupação brejeira os sítios arqueológicos situados próximo às serras, nas imediações dos brejos[6], nas margens dos riachos tributários do rio São Francisco ou no terraço fluvial antigo. Esses lugares podem ter sido ocupados por grupos étnicos coletores caçadores quando, em função do grande volume do antigo rio São Francisco, não existiam suas margens e as ilhas atuais. Nos sítios de ocupação brejeira, a equipe de Valentin Calderón encontrou, predominantemente, pilões de pedra, mãos de pilão, artefatos líticos com formato de machado, fragmentos líticos com sinais de uso, batedores, moedores, machados com gargalo e semilunares, lascas de pedra e, em menor quantidade, cacos cerâmicos.

São de ocupação ribeirinha os sítios arqueológicos que se situam nas margens próximas do rio São Francisco e nas ilhas resultantes da sedimentação ocorrida no período do Holoceno. A muitos desses sítios a população local se refere como sendo antigas aldeias dos índios. Neles a equipe de Valentin Calderón encontrou, predominantemente, restos de cerâmica, mas havia, também, pilões de rochas, fragmentos líticos, machados, batedores, moedores, pedras utilizadas, lascas de pedra, carvão, cachimbos, aribés e fragmentos de ossos.

São sítios de grafismos aqueles nos quais existem pinturas e gravuras rupestres e que se situam nas serras circundantes do Lago de Sobradinho. A equipe de Calderón identificou e cadastrou conjuntos de pinturas e gravuras rupestres que eram conhecidos pela população local. Situam-se, predominantemente, em setores geomorfológicos resultantes da ação erosiva dos riachos tributários do rio São Francisco. Nos sítios de grafismos, a equipe não aprofundou as pesquisas. Fez apenas registros fotográficos de algumas pinturas.

Nossa pesquisa propôs-se a iniciar o estudo dos vestígios arqueológicos no sítio cadastrado pela equipe de Valentin Calderón como de pictografia e registrado como Sítio São Gonçalo, BASF 122. Trabalhamos essa subárea da Área Arqueológica de Sobradinho[7] que denominamos Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Nele existem 31 sítios arqueológicos de grafismos rupestres (Figura 02).

## Estado atual do ordenamento dos grafismos rupestres na região nordeste do Brasil

Estudamos os grafismos rupestres como fontes de dados antropológicos. Nas manifestações culturais, os grupos humanos revelam algumas particularidades

próprias e outras que provam origens culturais comuns. Nos grafismos rupestres, as particularidades dos grupos étnicos são observáveis nas técnicas utilizadas e nas encenações gráficas.

Para revelarem a identidade cultural de seus autores, os registros rupestres devem ser analisados dentro de um contexto arqueológico fornecido por um conjunto de dados obtidos em muitos anos de pesquisa. A Bacia Hidrográfica do rio São Francisco ainda não possui, porém, estudos arqueológicos suficientes que permitam contextualizar o conjunto de grafismos encontrados no Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

Na fase inicial da pesquisa dos registros rupestres na região Nordeste do Brasil, não se tinha também contexto arqueológico. Fazia-se necessário o estabelecimento de critérios para um ordenamento preliminar. Identificaram-se, nos grafismos rupestres, grandes características gerais que apareciam diferentes em espaços geográficos também diferentes. Por não se terem dados que permitissem situar as pinturas rupestres no tempo, trabalharam-se os grafismos encontrados como sendo um conjunto único, feito em um mesmo espaço cronológico. Iniciou-se a pesquisa de campo identificando características gerais que permitissem a segregação dos grafismos em grandes classes iniciais que se designaram **tradições**.

Surgiu, assim, o primeiro ordenamento proposto por Niède Guidon para a pesquisa de grafismos rupestres na região Nordeste do Brasil. Esse ordenamento foi o caminho encontrado para se identificarem, a partir dos diferentes tipos de grafismos, grandes classes que revelariam identidades culturais de caráter geral. Os grafismos rupestres foram divididos, inicialmente, em pinturas e gravuras. As gravuras pertenciam à tradição **Itacoatiaras**[8]. As pinturas poderiam pertencer a uma das três tradições: **Nordeste**, **Agreste** ou **Geométrica**[9].

De acordo com esse ordenamento preliminar, poder-se-ia distribuir o conjunto gráfico rupestre do Boqueirão do Riacho São Gonçalo nas três classes de pinturas: grafismos da tradição **Geométrica** (predominantes), grafismos da tradição **Agreste** (minoritários) e grafismos da tradição **Nordeste** (intrusivos).

As pesquisas arqueológicas da região Nordeste do Brasil prosseguiram, porém, definindo novos parâmetros para a classificação de grafismos rupestres. Nas análises dos grafismos, passaram a ser valorizadas as questões antropológicas. Percebeu-se a necessidade de se estabelecerem parâmetros mais afinados

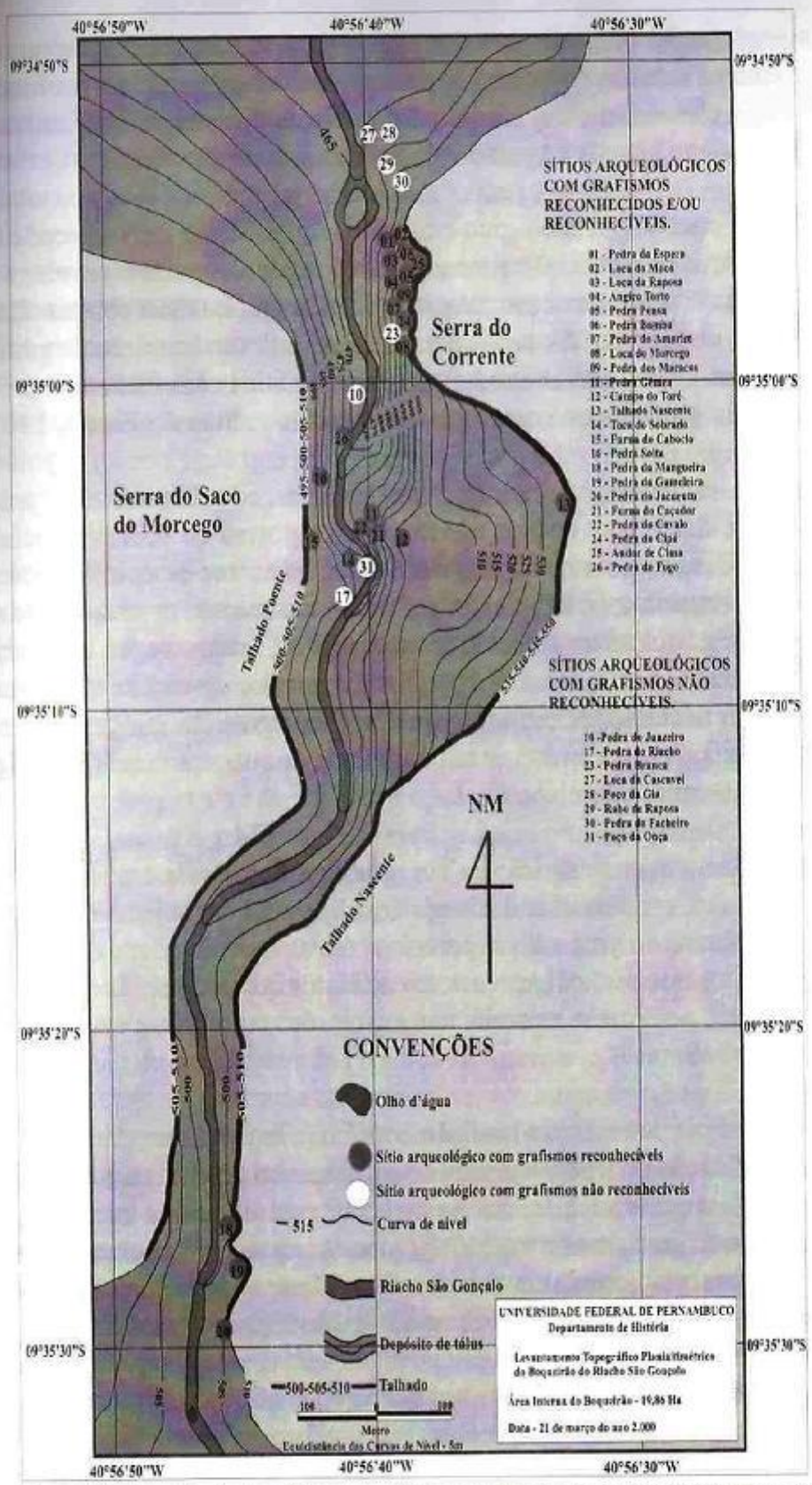



**Figura 02 - Localização dos sítios arqueológicos no Boqueirão do Riacho São Gonçalo**

para a segregação de grafismos que revelassem as identidades culturais dos grupos étnicos autores. Concluiu-se pela necessidade de análises profundas no interior das classes iniciais para a percepção de diferenças qualitativas que levassem à identificação do perfil cultural dos grupos étnicos.

Pela falta de contexto cronológico e cultural, Anne-Marie Pessis propõe analisar os significantes dos fenômenos gráficos porque eles podem revelar a identidade cultural de seus autores. "As identidades gráficas são constituídas por um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Estas características constituem padrões de representação gráfica que correspondem a certas culturas" (Pessis, 1993).

Os artefatos, entre os quais os registros rupestres, adquirem feições próprias dos grupos étnicos provocados a encontrar respostas de sobrevivência. Em ambientes diferentes, a espécie humana, como as outras espécies animais, diversifica as respostas de adaptação ao meio, mas conserva padrões de comportamento e gestos teleonômicos, desnecessários, muitas vezes, ao momento que está vivendo. Assim faz o cão pequinês que, nascido em um apartamento, esconde, sem necessidade, um osso que recebe, repetindo um gesto que seus ancestrais faziam para sobreviver na companhia de outros animais que disputavam com eles o alimento disponível.

Cada grupo cultural tem padrão de comportamento, gestos e traços culturais próprios. Assim, o realizador dos registros rupestres é o sujeito revelador da expressão cultural do grupo a que pertence. A estrutura do grupo determina os gestos e hábitos que o autor expressa nos artefatos que produz. Todo indivíduo é condicionado pelo meio e revela, nas expressões culturais, a experiência do seu grupo social.

A filiação das pinturas a uma tradição continua sendo um caminho utilizado para a identificação do tronco cultural dos autores dos grafismos, mas não pode ser o procedimento inicial de uma pesquisa. É o resultado de muitos estudos comparativos de grafismos contextualizados. As datações absolutas ou relativas de artefatos relacionados com os grafismos ampliam o quadro de referências para situar um conjunto gráfico na dimensão espaço-temporal.

Inicia-se a pesquisa no interior de um conjunto gráfico, buscando identificar homologias culturais que se expressam nos grafismos homólogos e análogos.

"A existência dessas homologias culturais é de extrema importância teórica porque elas provam que, na passagem da informação cultural de uma geração para outra, funcionam processos que são inteiramente independentes de considerações racionais e que, em muitos aspectos, são funcionalmente análogos aos fatores que mantêm a invariância na herança genética" (Lorenz, 1995).

Todo grupo social separado, por mais que se esforce para ser diferente, carrega fortes traços culturais do grupo de origem. A sociedade está cheia de exemplos de grupos dissidentes que repetem padrões tradicionais de comportamento. Na pré-história não foi diferente. É possível, assim, chegar-se à identificação de tradições através do reconhecimento de conjuntos de sinais gráficos homólogos ou análogos que revelam particularidades peculiares dos grupos étnicos e heranças culturais comuns de grupos dissidentes ou diversificados.

Nos conjuntos gráficos da tradição **Nordeste**, com o objetivo de obter informações que possibilitem a identificação dos grupos étnicos, Anne-Marie Pessis analisa os fenômenos gráficos nas dimensões temática[10], técnica[11], e cenográfica[12]. Consegue assim identificar subclasses derivadas das tradições: Subtradições[13], cronoestilos[14] e grafismos emblemáticos[15].

A tradição de registros rupestres mais pesquisada, até o momento, foi a **Nordeste**. A análise dos grafismos no interior dessa tradição permitiu avanços na formulação de parâmetros para a identificação de grupos étnicos pré-históricos da região Nordeste do Brasil. As escavações realizadas em muitos sítios arqueológicos da tradição **Nordeste** deram resultados inesperados quanto às datações da presença de grupos humanos na região Nordeste.

O mesmo não se pode dizer das tradições **Agreste** e **Geométrica**. Sugeridas para permitirem enquadramento preliminar aos sítios de pintura que não podiam ser filiados nem à tradição **Nordeste**, as tradições **Agreste** e **Geométrica** agregam painéis de pinturas rupestres com grafismos puros. O hermetismo desses grafismos e a falta de contexto fizeram com que essas tradições permanecessem sem definições precisas. O próprio nome da tradição **Geométrica** denota caráter de interpretação subjetiva dos grafismos. Mesmo com aparências geométricas, os significados dos grafismos puros permanecem herméticos. Ninguém pode assegurar nem provar que seus autores conheciam ou pretendiam transmitir conceitos de geometria, nem que faziam parte de um tronco cultural único.

Pesquisadores que realizaram trabalhos na Bacia Hidrográfica do rio São Francisco, sem explicitar os critérios, filiaram grafismos encontrados à tradição **Geométrica** e **São Francisco** (Prous, 1977; Schmitz, 1984; Beltrão, 1986). Gabriela Martin (1998), ao referir-se às pinturas rupestres encontradas em sítios arqueológicos de Xingó, afirma existirem vários abrigos apresentando pinturas rupestres das tradições **Nordeste** e **Agreste** e, possivelmente, também da tradição **São Francisco**, mas lembra que o *"corpus"* rupestre da grande área do rio São Francisco encontra-se ainda em fase preliminar de estudo. Quando se propõe a filiação de grafismos a uma dessas tradições, costuma-se fazer menção às duas, como se fossem uma só e mesma tradição. Filiam-se os grafismos rupestres a essas tradições fora de um conjunto de pesquisas e sem contextualização com outros vestígios arqueológicos. É o contexto arqueológico que cria possibilidades de explicações fundamentadas em fatos e permite a formulação de hipóteses a serem contrastadas.

Em nossa pesquisa, identificamos grafismos da tradição **Nordeste**. Não filiamos grafismos a outras tradições porque não existem referenciais que permitam tal procedimento. Pretendemos dar os primeiros passos. Para reconhecer, nos grafismos rupestres, traços culturais que identifiquem os grupos étnicos, iniciamos a pesquisa procurando identificar e segregar alguns conjuntos de grafismos homólogos ou análogos que possam ser atribuídos a grupos étnicos de troncos culturais comuns.

Partimos do princípio de que uma unidade de grafismo é um signo ou conjunto de signos e espaços vazios impressos e visualizados em um painel de pintura rupestre. Consideramos um painel como sendo uma unidade gráfica única, enquanto não forem identificadas, em outros painéis, figuras homólogas ou análogas a partes componentes do seu todo. Para aplicar nosso método de análise, adotamos o implícito da atemporalidade. Trabalhamos o conjunto gráfico do Boqueirão do Riacho São Gonçalo como um *"corpus"* único, tal como ele se apresenta à observação sensível.

Outras pesquisas poderão ser acrescidas à nossa e, aos poucos, surgirão os perfis dos grupos étnicos pré-históricos da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco. A identificação de tradições surgirá, então, como resultado final de muitos estudos de conjuntos de grafismos homólogos e análogos. A obtenção de datações relativas e absolutas de vestígios arqueológicos relacionados com os grafismos rupestres indicará a origem e o destino dos grupos étnicos pré-históricos que ocuparam a região de Sobradinho e deixaram, nos vestígios dos regis-

tros gráficos do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, os seus traços culturais que a ação deletéria do tempo preservou.

## O boqueirão do riacho São Gonçalo

A área do Boqueirão "fazia parte da sesmaria obtida, no ano 1659, por Pe. Antônio Pereira, tio e sócio de Garcia D'Àvila" (Fonseca, 1996). A parte dessa sesmaria onde ele se encontra foi repassada, ainda no século XVII, ao Capitão Domingos Afonso Sertão (Manfrense), homem de confiança da Casa da Torre que fazia guerra permanente aos índios.

Localiza-se na margem direita do rio São Francisco, no município de Sento Sé, norte do Estado da Bahia, região Nordeste do Brasil, na região do Polígono das Secas, Submédio São Francisco, entre as latitudes 09° 34' 51,24" e 09° 35' 32,85" Sul e longitudes 40° 56' 30" e 40° 56' 50" Oeste. Encontra-se ao norte da sede antiga da Fazenda São Gonçalo que se limita, a leste, com a Fazenda Tatauí, hoje território do município de Sobradinho (Figura 03), que pertence à unidade geológica denominada Complexo Casa Nova, sobrejacente aos terrenos gnáissicos e migmatíticos de idade arqueana. Encontra-se, ainda, na Faixa Móvel Riacho do Pontal, constituída por um conjunto de rochas tectonizadas e comprimidas em direção ao Cráton do São Francisco, no Ciclo Brasiliano, período compreendido entre 700 e 500 milhões de anos. O relevo é apalachiano. Desenvolveu-se nas estruturas dobradas das serras, com altitudes de transição entre a Chapada Diamantina e a Depressão Sertaneja. No lugar onde está o Boqueirão do Riacho São Gonçalo, essa unidade de relevo é também conhecida como "Depressão com Residuais do São Francisco. É muito acidentada. Tem altitudes que variam, em gradação descendente, em direção à calha do rio, de 800m a 400m. O Boqueirão encontra-se entre a Serra do Saco do Morcego, com altitude de 678m e a Serra do Corrente, com altitude de 638m.

O Boqueirão do Riacho São Gonçalo é um entalhamento que resultou da drenagem adaptada a uma linha de fraqueza. É uma garganta de superimposição nas rochas dobradas (water gaps). A erosão fluvial comandou a dissecação fluvial no maciço residual de quartzito. O riacho São Gonçalo, tributário intermitente do rio São Francisco, passa entre as duas serras, no sentido sul-norte, formando uma garganta estreita e profunda (canyon) de 1200 metros de extensão, com escarpas que variam de alguns centímetros a 25 metros de altura.

Na extremidade sul do Boqueirão existe um olho d'água no leito do riacho São

Gonçalo. A água é potável. Ela flui do interior do solo, formando um pequeno caldeirão que acumula aproximadamente 5 m³ de água. É muito raro secar. A irregularidade das precipitações se dá pela forte evaporação em conseqüência das altas temperaturas. Seu regime pluviométrico tem duas estações bem definidas. A primeira é a estação das chuvas, que tem início em novembro e termina em março, quando ocorrem precipitações médias de 450 milímetros. A segunda é a da seca, que costuma iniciar em abril e terminar em outubro. As chuvas são geralmente torrenciais e irregulares no tempo e no espaço. A pluviosidade é quatro vezes inferior à evaporação.

A temperatura apresenta-se elevada durante o ano todo, com a média anual situando-se em torno de 26,5 °C, com amplitude térmica reduzida nos seus valores extremos. A temperatura máxima média é de 28°C e a mínima média, de 24,6°C.

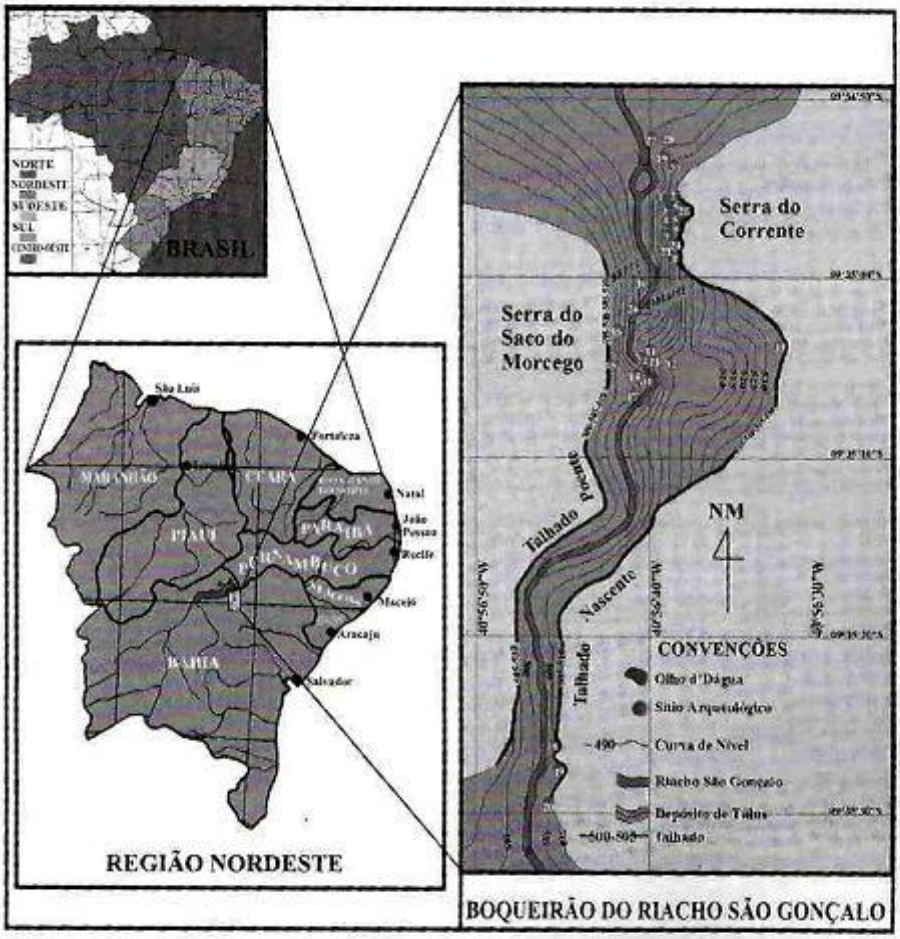



**Figura 03** - Localização geográfica da área estudada. Fonte - IBGE - 1990

A vegetação atual não é diferente do restante da paisagem da região de Sobradinho. A cultura do extrativismo colonialista que se implantou na região foi responsável pela destruição de toda a vegetação primitiva em ambas as margens do rio São Francisco. Até as encostas foram desnudadas de vegetação. Delas se extraiu, durante séculos, madeira para construções, para carvoarias e para a prática da agricultura tradicional. A vegetação nativa atual da região onde se encontra o Boqueirão do Riacho São Gonçalo é do tipo caatinga hiperxerófila, pouco densa, de porte arbustivo. Sua composição é heterogênea, porém apresenta um certo número de espécies vegetais dominantes e típicas da região semi-árida. Chama a atenção no Boqueirão a enorme quantidade de plantas que nasceram nas fendas dos maciços de quartzito. Nessas fendas, as suas raízes se desenvolvem e crescem, exercendo altíssimas pressões que afastam grandes blocos e criam gretas onde se abriga boa parte dos animais que compõem a fauna local.

Na região existem representantes de quase todas as espécies de animais que compõem a fauna regional do polígono das secas. A caça predatória está, porém, pondo em risco o equilíbrio do sistema ambiental onde estão os sítios arqueológicos. Em um passado relativamente recente, habitavam o Boqueirão do Riacho São Gonçalo o caititu queixada, o tamanduá-bandeira, a onça pintada, a onça do lombo preto, o lobo-guará, a suçuarana e a ema.

## Análise dos grafismos

Para contribuir ao conhecimento dos grupos étnicos que, na pré-história, ocuparam o Boqueirão do Riacho São Gonçalo e diante do fato de que os grafismos são dominantemente não reconhecidos, identificamos analogias existentes entre os conjuntos gráficos da área de pesquisa e os conjuntos de grafismos pesquisados em outras regiões ou áreas arqueológicas geograficamente próximas, tais como: Parque Nacional Serra da Capivara, Zona Agreste e Médio São Francisco (Figura 04).

O Parque Nacional Serra da Capivara, situado a noroeste de Sobradinho, é nossa primeira referência para estudos comparativos, por estar a 246 Km de distância, em linha reta, da região em estudo e por ter o maior conjunto de grafismos rupestres da tradição **Nordeste**, estudados e contextualizados em décadas de pesquisa científica.

A Zona Agreste Setentrional, situada a 650 Km de distância, em linha reta, a

nordeste do boqueirão, apresenta-se como a segunda referência para estudos comparativos, por ter sítios arqueológicos com grafismos pesquisados e identificados preliminarmente como da tradição **Agreste**.

O Médio São Francisco, situado a sudoeste do Boqueirão, apresenta-se como a terceira referência para estudos comparativos, por ter conjuntos de grafismos rupestres que foram fotografados para serem anexados a trabalhos de pesquisa descritiva ou de publicações diversas. Januária situa-se, em linha reta, a 768 Km e Central, a 234 Km de Sobradinho.

A análise comparativa dos conjuntos gráficos foi feita nas dimensões temática, morfológica, cenográfica e técnica. Por tratar-se de um conjunto de 31 sítios arqueológicos com um total de 109 painéis de levantamento[16], muitos dos quais contendo grafismos incompletos, de difícil reconhecimento, selecionamos 42 painéis de análise[17], utilizando como critério a presença de grafismos reconhecidos[18] ou reconhecíveis[19] que permitem análises comparativas. Os painéis de análise representam 38,53% da totalidade.

Nossa análise dos grafismos rupestres foi além da simples identificação de unidades gráficas que apresentam esporádicas analogias temáticas ou morfológicas, pois existem pinturas rupestres com temas ou formas semelhantes em todo o mundo, mas nem por isso pode-se atribuir a autoria de grupos étnicos de um mesmo tronco cultural. Introduzimos, por isso, a consideração de outras dimensões analíticas: a cenográfica e a técnica.

Em uma primeira etapa, analisamos os grafismos do Boqueirão do Riacho São Gonçalo e sua relação com grafismos das tradições identificadas nas regiões do entorno. Em uma segunda etapa, consideramos a relação entre os perfis preliminares identificados nos sítios do Boqueirão do Riacho São Gonçalo e sua distribuição planialtimétrica.

## Conclusão

Os dados levantados na análise dos grafismos permitem afirmar que o Boqueirão do Riacho São Gonçalo foi um lugar ocupado para realização de grafismos rupestres pelos grupos étnicos que habitaram o Submédio da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco durante diferentes períodos da pré-história, desde o final do Pleistoceno até meados do século XVIII, quando os colonizadores portugueses efetivamente implantaram na região a criação extensiva de gado. Exis-

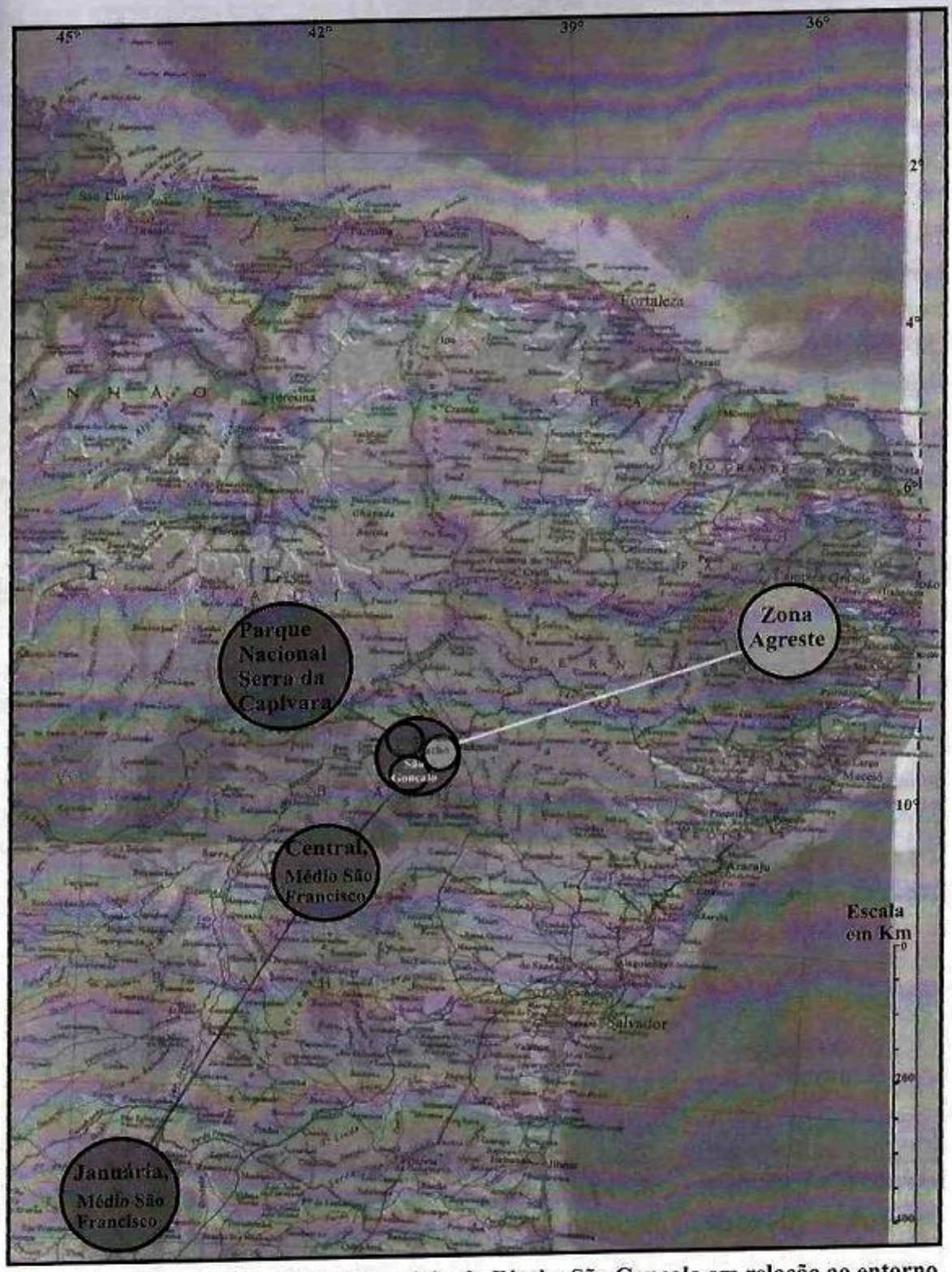



**Figura 04 - Mapa de situação do Boqueirão do Riacho São Gonçalo em relação ao entorno.**
**Fonte - Grande Atlas Mundial de Seleções Read's Digest, 1967: 49 e 53.**

tem evidências da passagem de grupos humanos que, para realizarem pinturas rupestres nos suportes dos sítios, utilizaram diferentes formas de apresentação e aplicaram técnicas que são características de diferentes tradições gráficas amplamente representadas no Nordeste do Brasil.

O conjunto dos dados obtidos na análise permite propor que se tratou de uma área de passagem. Apesar da grande abundância, diversidade e multiplicidade de grafismos rupestres, existe dominância de unidades gráficas similares às existentes na região do Médio São Francisco. Existem também unidades gráficas análogas às que foram pesquisadas na Zona Agreste Setentrional. A tradição **Nordeste**, apesar de ser minoritária, acha-se presente em sítios do Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Existe também um número considerável de grafismos com características que não apresentam analogias gráficas com as tradições do entorno e que, por serem proporcionalmente numerosas, não podem ser consideradas intrusivas.

Os dados disponíveis não permitem ainda concluir sobre a identidade de cada grupo étnico autor dos grafismos rupestres. A grande diversidade gráfica apresenta esboços de perfis que necessitam de uma maior precisão e de um contexto arqueológico até agora inexistente pela falta de dados da cultura material.

Não temos também dados que permitam situar no tempo os conjuntos gráficos. A falta de escavações não permite dispor de datações, nem de informações sobre a diversidade da cultura material. A partir do tipo de figuras existentes nos sítios estudados, podemos afirmar apenas, a título de hipótese, que alguns grafismos da tradição **Nordeste** podem ter sido realizados no Boqueirão do Riacho São Gonçalo em período compreendido entre 9.000 e 6.000 anos BP, quando grupos da tradição **Nordeste** se dispersaram por várias regiões do Nordeste do Brasil.

As diferentes alturas dos sítios arqueológicos em relação ao leito atual do riacho podem indicar diferentes épocas de ocupação do Boqueirão do Riacho São Gonçalo para a realização de grafismos rupestres. As alturas dos grafismos em relação à superfície atual do terreno podem indicar o período em que foram realizados. A redução do volume de água imposta pela instalação do clima semi-árido possibilitou a acumulação de sedimentos advindos das partes altas do Boqueirão, diminuindo a altura de grafismos originalmente mais altos em relação à superfície antiga do terreno. A grande abundância de superposições

nos permite, também, levantar a hipótese de que são mais antigos alguns conjuntos de grafismos que se encontram superpostos com maior freqüência. Essas três referências nos permitem levantar a hipótese de que alguns grafismos puros, análogos aos do Médio São Francisco, são os mais antigos. Eles podem ter sido realizados no final do Pleistoceno, quando o volume do riacho São Gonçalo era maior e o nível do terreno era mais baixo que o atual.

Com referência às pinturas rupestres que apresentam analogias com grafismos classificados preliminarmente como da tradição **Agreste,** por encontrarem-se em lugares altos dos suportes e por estarem, comumente, superpondo grafismos puros análogos aos que foram encontrados no Médio São Francisco e a outros que não têm referências analógicas no entorno, nossos resultados vão no sentido do que já foi afirmado na hipótese de Gabriela Martin de que foram realizados por grupos humanos pré-históricos que ocuparam o Vale do Rio São Francisco a partir de 3000 anos BP.

Sabemos da limitação de nossas conclusões, mas pensamos que esta pesquisa é um ponto de partida estruturado sobre a situação dos sítios de registros gráficos da zona que temos estudado e da sua relação com os grafismos do entorno. Os resultados dessa análise, apesar de não poderem ser generalizados, são essenciais para viabilizar a continuidade da pesquisa que deverá contemplar novas zonas de sítios com registros rupestres da Área Arqueológica de Sobradinho.

## Notas

**Celito Kestering** - Pesquisador da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM.

1. **Tradição Nordeste** – "Integrada pela presença de grafismos reconhecíveis (presenças humanas, animais, plantas e objetos) e grafismos puros, os quais não podem ser identificados. Essas figuras são, muitas vezes, dispostas de modo que representem ações cujo tema é, às vezes reconhecível" (Pessis, 1992).
2. **Tradição Agreste** – "Caracterizada pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos nem figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras são representadas paradas, não existindo nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito

abundantes, apresentam morfologia diversificada" (Pessis, 1992).

3. **Tradição São Francisco** – "Tradição em que os grafismos abstratos (geométricos) sobrepujam amplamente, em quantidade, os zoomorfos e antropomorfos, perfazendo entre 80% e 100% das sinalações. Na quase totalidade dos casos (excluindo-se o estilo mais antigo), a utilização da bicromia é intensa nas figuras pintadas. Os raros zoomorfos são quase que exclusivamente peixes, pássaros, cobras, sáurios e talvez tartarugas. Notável é a ausência dos cervídeos; não existe nenhuma cena, mesmo de tipo 'implícito', mas existem, por vezes, trocadilhos entre biomorfos e sinais (na região de Montalvânia" (Prous, 1992).
4. **Pictografia** – "Pintura rupestre. Sinais e figuras pintados pelos primitivos em rochedos e paredes de cavernas" (Ferreira, 1975).
5. **Petróglifo** – "Gravura rupestre. Qualquer sinal ou figura gravada ou esgrafiada pelos primitivos em rochedos e paredes de cavernas, freqüentemente combinados com pinturas" (Ferreira, 1975).
6. **Brejo** – Terreno onde o riacho se conserva mais ou menos permanente, com suas margens em geral férteis, em virtude de transbordamentos anuais por ocasião das chuvas. É também brejo o lugar baixo circundado por serras onde há nascente, olho d'água ou cacimba.
7. **Área Arqueológica** – "Espaço menor de desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica sistemática na qual ainda não foram fixados os limites culturais" (Martin, 1999).
8. **Tradição Itacoatiaras**: "Gravuras representando figuras que não permitem nenhum reconhecimento. Raramente alguma figura reconhecível é representada de maneira isolada" (Pessis, 1992).
9. **Tradição Geométrica**: "Caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros, figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizados" (Pessis, 1992).
10. **Dimensão Temática** – "Escolhas feitas pelos autores dos grafismos rupestres sobre a morfologia e os padrões gráficos suscetíveis de ser reconhecidos" (Pessis, 1992).
11. **Dimensão Técnica** – "Trata dos aspectos relativos ao processo de realização das pinturas que constituem o suporte, as matérias-primas, os instrumentos e os procedimentos de realização" (Pessis, 1992).
12. **Dimensão Cenográfica** – "Maneira como as figuras estão agenciadas em diferentes unidades para representar unidades temáticas ou composições" (Pessis, 1992).
13. **Subtradições**: "São diferenças na apresentação gráfica de um mesmo tema e na distribuição geográfica" (Pessis, 1987). Conjunto de grafismos de uma tradição que representam, de maneiras diferentes, um mesmo tema e estão ligados a um ambiente geográfico definido" (Pessis, 1992).
14. **Cronoestilos**: São "particularidades que se manifestam no plano da técnica de manufatura e apresentação gráfica. Não têm significado maior se não estão inseridos num contexto arqueológico e, portanto, posicionados cronologicamente" (Pessis, 1992).
15. **Grafismos Emblemáticos** – "São arranjos gráficos nos quais é possível se reconhe-

cer o que representam os componentes, porém não é possível reconhecer o tema da ação apresentada. Um desses registros emblemáticos – que caracteriza a tradição **Nordeste** – é justamente um composição, em que as duas figuras estão de costas uma em relação à outra, com os braços dobrados por cima da cabeça e, freqüentemente, o arranjo vem acompanhado de um grafismo puro composto por três dígitos unidos (Pessis, 1992).

16. **Painel de Levantamento** – É o resultado de um ordenamento das pinturas para que sejam fotografadas de tal forma que forneçam ao pesquisador a maior quantidade possível de informações para o trabalho de laboratório.
17. **Painel de Análise** – É uma segregação de conjuntos gráficos no interior dos painéis de levantamento para fornecer ao pesquisador elementos que atendam aos objetivos

## Referências bibliográficas


AGUIAR, Alice. 1986. ***A Tradição Agreste: Estudo sobre a Arte Rupestre em Pernambuco.*** CLIO – N.º 08, UFPE, Recife; páginas 07 a 98.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA. 1999. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, Volume 1, Salvador; 570 páginas.

BELTRÃO, Maria da C. de M. C. 2000. ***Ensaio de Arqueologia: Uma Abordagem Transdisciplinar.*** ZIT Gráfica e Editora Ltda., Rio de Janeiro, RJ; 168 páginas.

BELTRÃO, Maria da Conceição de M. C. & LIMA, Tânia Andrade. 1986. ***Projeto Central Bahia: os Zoomorfos da Serra Azul e de Santo Inácio*** in Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 21; páginas 147 a 157.

BELTRÃO, Maria da Conceição de M. C. 1989. ***"Arqueoastronomia no Brasil"***, Carta Mensal da Confederação Nacional do Comércio, Rio de Janeiro, 26 (421); páginas 49 a 59.

BELTRÃO, Maria da Conceição de M. C. & DANON, J. 1989. ***Les représentations pictographiques de la Serra de Pedra Calcária: Les Tocas de Búzios et de Esperança.: Lanthropologie,*** volume 94, Paris; páginas 139 a 154.

CALDERÓN, Valentin. 1970. ***Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia.*** Universitas, volume 5, Salvador, Bahia; páginas 5 a 17.

CALDERÓN, Valentin, DÓREA, Ivan & ATAÍDE, Rogério. 1977. ***Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico.*** Companhia Hidroelétrica do São Francisco Gráfica da Universidade Católica de Salvador, Bahia; 75 páginas.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. 1997. ***Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. PETROLINA, Folha SC.24-V-C, Estados da Bahia, Pernambuco e Piauí***, organizado por Luiz Alberto de Aquino Angelim, Secretaria de Minas e Metalurgia do Ministério das Minas e Energia, Brasília, DF.

DEBENHAM, Frank. 1967. ***Grande Atlas Mundial de Seleções do Reader's Digest.*** Copyright, Editora Ypiranga S.A; Rio de Janeiro, 200 páginas.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1975. ***Novo Dicionário da Língua Portuguesa.*** 1ª Edição; Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ; 1500 páginas.

FONSECA, João Justiniano da. 1996. *RODELAS* – ***Curraleiros, Índios e Missionários.*** Edições Gráficas da Bahia, Salvador; 298 páginas.

FOTOGRAFIAS AÉREAS DE 1970 DA FAB. Folhas SC.24-V-C-III e SC.24-V-C-VI.
FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/ CETEC. 1982. ***A Arte Rupestre no Estado de Minas Gerais***. Belo Horizonte, 1 v (Série de Publicações Técnicas, 9); 30 páginas, com ilustrações.
GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. 1997. *OPARA – **Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco**. Juazeiro*: (s.e.); 249 páginas.
GUIDON, Niède. 1989. ***Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil***. CLIO N.º 05, UFPE, Recife; páginas 05 a 10.
HERANÇA: ***A expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu;*** Projeto Cultural de Empresas DOW, Brasil, 1984; 152 páginas.
JATOBÁ, Lucivânio & LINS, Rachel Caldas. 1998. ***Introdução à Geomorfologia***, 2ª edição, revista e ampliada, Editora Bagaço, Recife; 150 páginas.
KENITIRO, Suguio. 1937. ***Introdução à Sedimentologia.*** Editora Edgard Blücher Ltda e em 1973, Editora da Universidade de São Paulo, SP; 318 páginas.
LEITE, Serafim S.I. 1945. ***História da Companhia de Jesus no Brasil.*** Tomo V, da Bahia ao Nordeste, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Livraria Portugália, Lisboa.
LORENS, Konrad. 1995. ***Os Fundamentos da Etologia.*** Tradução de Pedro Melo Cruz e Carlos C. Alberts, Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo & VÍCTOR, Plínio. 1981. ***Estudos de Arte Rupestre em Pernambuco (II). A Pedra Furada em Venturosa***. CLIO – N.º 4. Revista do Curso de Mestrado em História, UFPE, Recife; páginas .
_____.1993. *Arte Rupestre e Registro Arqueológico no Nordeste do Brasil*. CLIO – N.º 9 – Série Arqueológica, UFPE, Recife; páginas 45 a 56.
MARTIN, Gabriela. 1997. ***Pré-história do Nordeste do Brasil***, 2ª edição,; 450 páginas; 1999, 3ª edição atualizada, com prefácio de Niéde Guidon; Editora Universitária, UFPE, Recife; 442 páginas.
_____.1998. ***O Povoamento Pré-histórico do Vale do São Francisco***. CLIO – N.º 13 – Série Arqueológica, UFPE, Recife; páginas 09 a 42.
MARTIN, Gabriela. 1999. ***Pré-História do Nordeste do Brasil.*** 3ª Edição atualizada, com prefácio de Niède Guidon; Editora Universitária, UFPE, Recife; 442 páginas.
OSTERRIETH, Paul. 1963. ***Introduction à la psychologie de l'enfant***, Presses Universitaires de France, Paris, 5ª edição, traduzido por Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna, 7ª edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1970; 198 páginas.
PESSIS, Anne-Marie. 1987. ***L'art rupestre préhistorique: Premiers registres de la mise en scène.*** Tese de Doutorado de Estado "ès Lettres et Sciences Humaines", Université de Paris X – Nanterre.
_____. 1989. ***Apresentação Gráfica e Apresentação Social na Tradição Nordeste de Pintura Rupestre do Brasil***. CLIO – N.º 5 – Série Arqueológica, UFPE, Recife; páginas 11 a 18.
_____. 1993. ***Registros Rupestres, Perfil Gráfico e Grupo Social***. CLIO – N.º 9 – Série Arqueológica, UFPE, Recife; páginas 07 a 14.
_____. 1992. ***Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos***

*do Nordeste do Brasil*. CLIO N.º 08, UFPE, Recife; páginas 35 a 68.

PIERON, H. 1954. ***L'importance de la période préscolaire pour la formation de l'esprit*** (Cahiers Péd. Et or. Prof., Liège, nº 2).

PROUS, André. 1977. ***Missão de estudo da arte rupestre de Lagoa Santa***, Arquivos do Museu História Natural, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, volume 2; páginas 51 a 66.

_____. 1984. ***Breve nota sobre a relação entre as tradições rupestres "São Francisco" (Prous) e "Geométrica" (Guidon)***. Resumos in Jornada Brasileira de Arqueologia, volume 5, Rio de Janeiro.

_____. 1992. ***Arqueologia Brasileira***. Editora Universidade de Brasília, DF; 606 páginas.

_____. 1999. ***As Primeiras Populações do Estado de Minas Gerais,*** in ***Pré-história da Terra Brasilis,*** organizado por Maria Cristina Tenório; Editora UFRJ; páginas 101 a 114.

REGISTROS DE BATISMO DA FREGUESIA DE SENTO SÉ - 1752 a 1780. (Manuscrito original); Biblioteca Diocesana de Juazeiro, BA; 180 páginas.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi & VERARDI, Ivone. 1984. ***Arte Rupestre no Centro do Brasil.*** Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 82 páginas.

WENTWORTH, C. K. 1922. *A scale of grade and class terms for clastic sediments*, J. Sediment Petrol 30; páginas 377 a 392.



**Figura 05** - Boqueirão do Riacho São Gonçalo - BRSG.

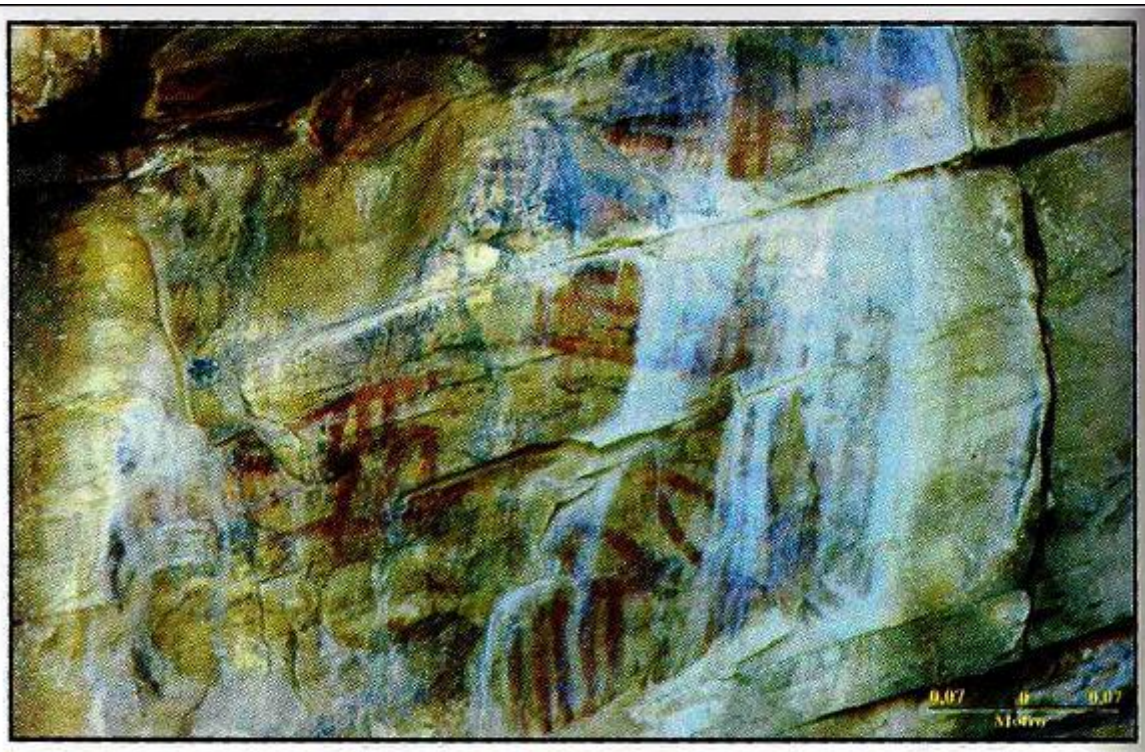


**Figura 06** - Sítio Loca do Mocó - BRSG-02

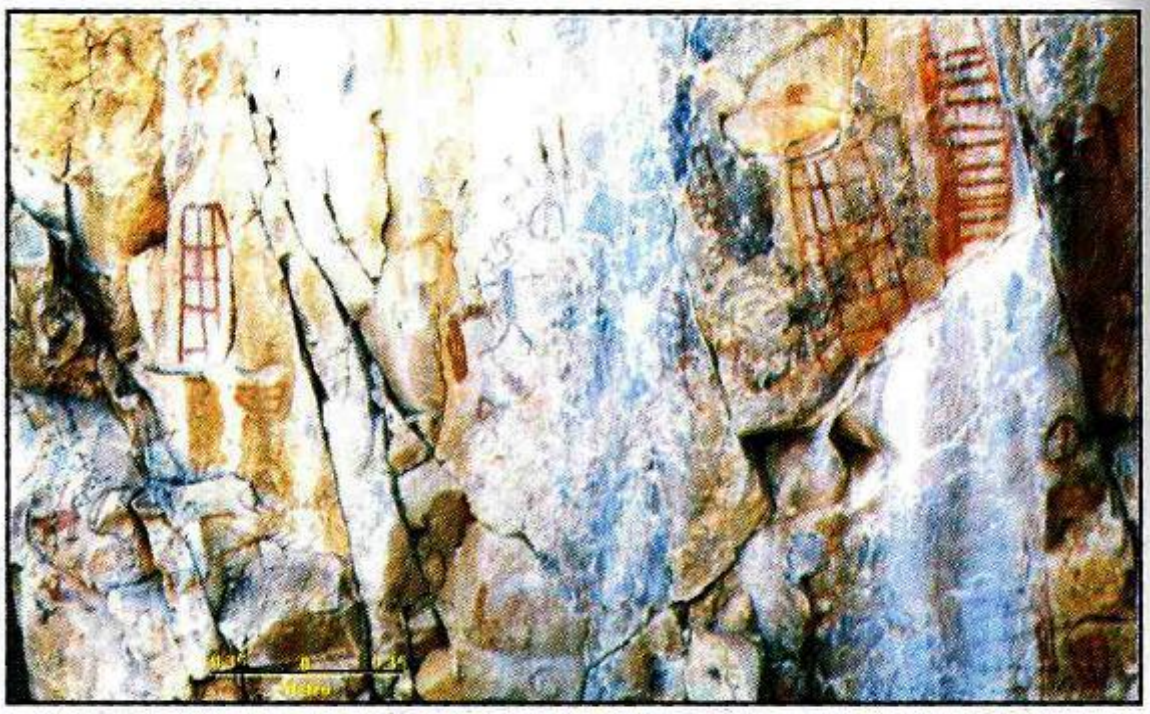


**Figura 07** - Sítio Loca dos Morcegos - BRSG - 08

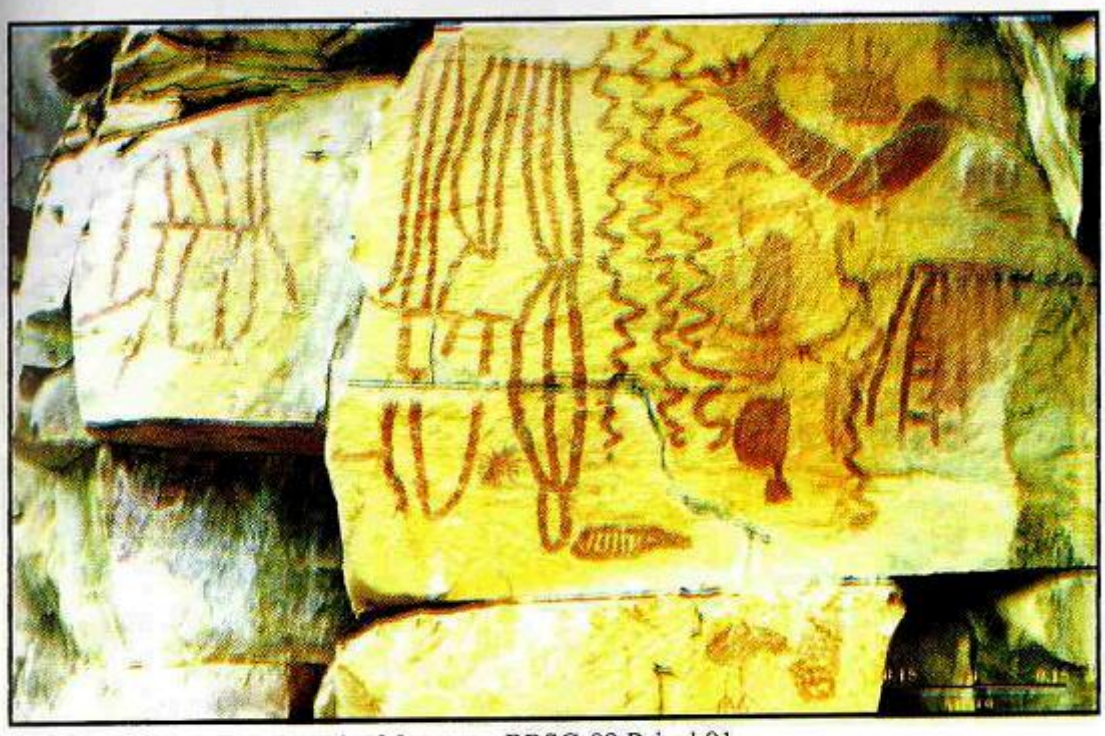


**Figura 08** - Sítio Pedra dos Macacos - BRSG-09:Painel 01.

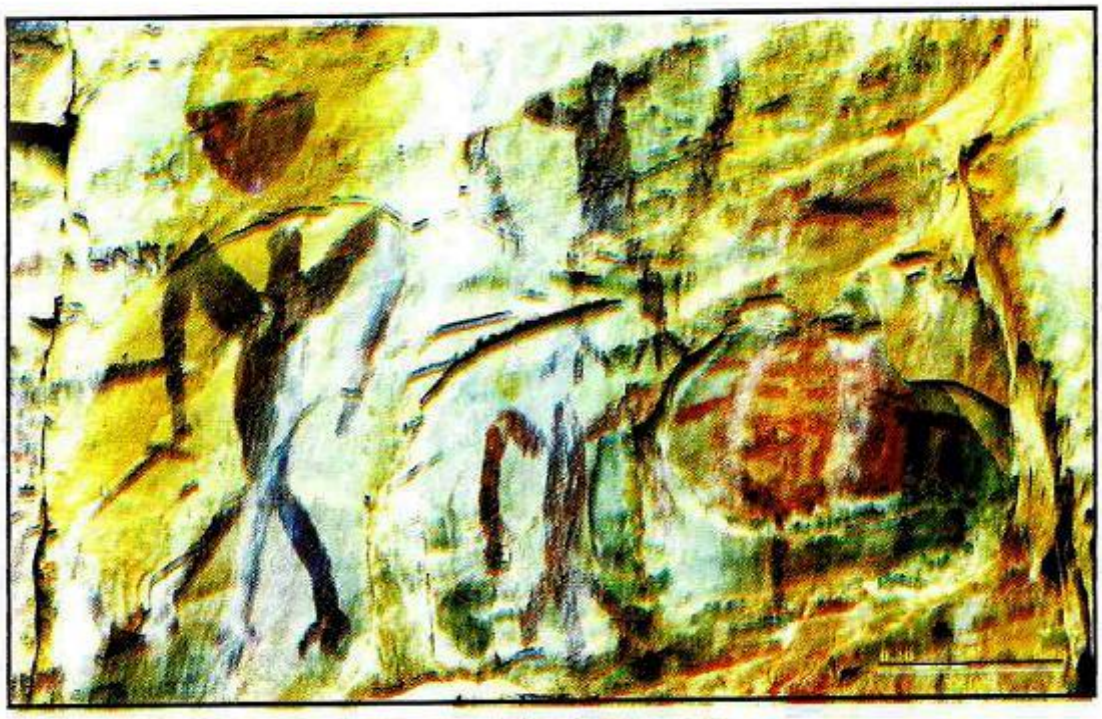


**Figura 09** - Sítio Pedra dos Macacos - BRSG-09:Painel 02.

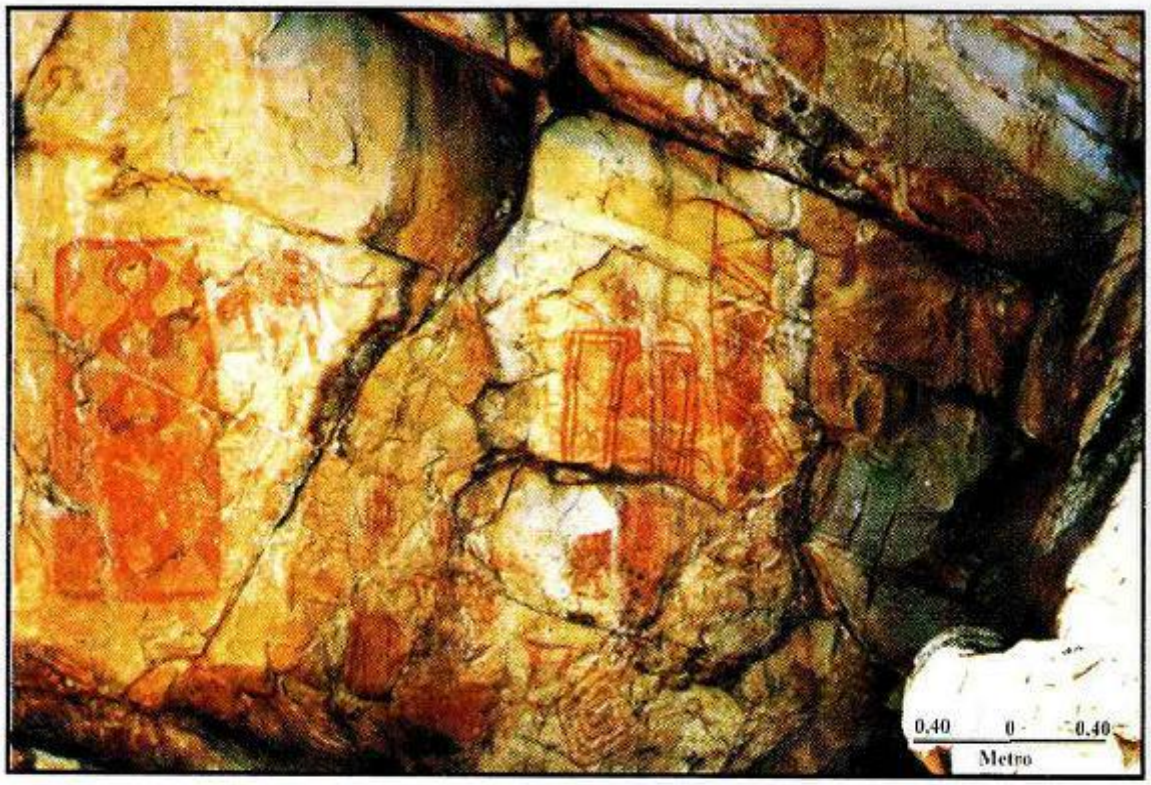



**Figura 10** - Sítio Pedra Gêmea - BRSG-11:Painel 01.

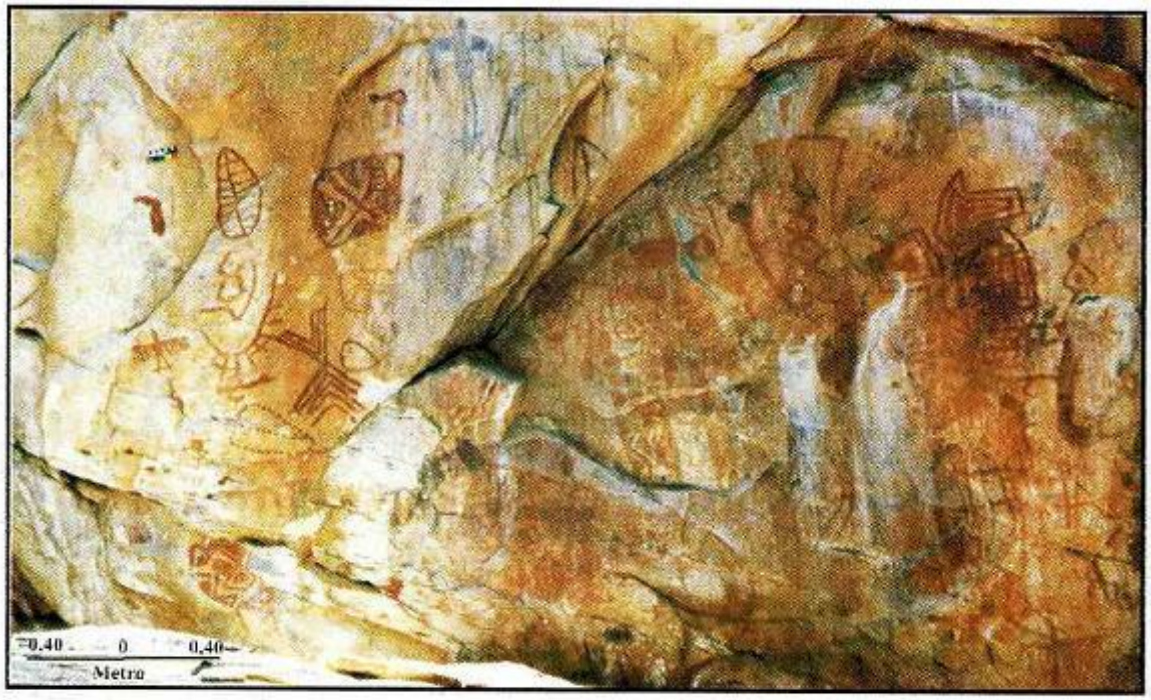



**Figura 11** - Sítio Pedra Gêmea - BRSG-11:Painél 02

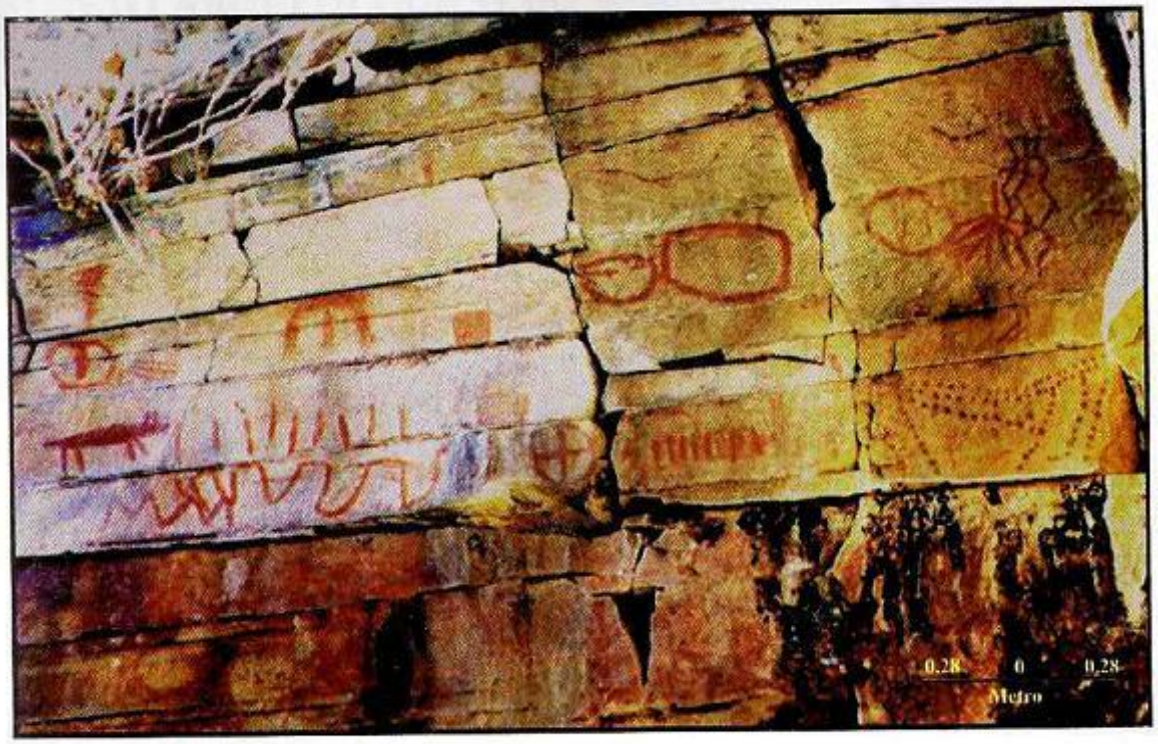



**Figura 12** - Sítio Pedra da Mangueira - BRSG-18.




**Figura 13** - Sítio Pedra da Gameleira - BRSG-19.



**Figura 14** - Sítio Pedra do Cipó - BRSG-24




**Figura 15** - Sítio Furna do Caçador - BRSG-21